

## **DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UM PROGRAMA INTERVENTIVO DE COMBATE AO PRECONCEITO**

**Autora: Kelyane Oliveira de Sousa<sup>1</sup>; Orientadora: Dalila Xavier de França<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [kely.olliveira@hotmail.com](mailto:kely.olliveira@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [dalilafranca@gmail.com](mailto:dalilafranca@gmail.com)

**Resumo:** O presente estudo teve como objetivo relatar a experiência de um Programa de Treinamento de Habilidades voltado para a promoção de habilidades sociais utilizadas como estratégia de combate à homofobia. Participaram desse programa 22 adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 17 anos, alunos de uma escola pública do município de Aracaju, Sergipe. O programa foi composto por 10 sessões semanais de 50 minutos e contou com uma abordagem psicoeducativa, através de diversas técnicas e atividades voltadas para o universo do adolescente. Os resultados apontaram uma boa aceitabilidade por parte dos adolescentes, maior conhecimento da temática que antes era desconhecida e eficácia do programa no que tange aos jovens se mostrarem mais abertos a se relacionarem de forma mais respeitosa com pessoas que fogem à norma da heteronormatividade no seu convívio social.

Palavras-chaves: diversidade sexual, habilidades sociais, homofobia, preconceito, adolescência.

### **INTRODUÇÃO**

O preconceito contra pessoas LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – é um fenômeno em evidência na sociedade contemporânea. Enquanto outros tipos de preconceito, como o racial, que ao longo dos anos passaram a ter um caráter sutil, velado, pela norma social vigente, a qual estabelece que os indivíduos não devem ser preconceituosos por causa da cor da pele dos outros, o preconceito contra pessoas de diferentes orientações sexuais ainda é manifestado de forma bastante clara e evidente, justamente porque a norma social com relação à sexualidade que rege atualmente a sociedade em que vivemos é a da heteronormatividade.

O termo heteronormatividade é baseado na cultura heterossexual que rege o modo de se portar na sociedade contemporânea. Nesse cenário, tudo o que se refere à vivência afetiva e sexual e que foge a esse padrão é desqualificado e se torna alvo de preconceito e discriminação. Também estão inclusos aqui os papéis de gênero impostos pela sociedade que, devido à falta de flexibilidade, acabam por proporcionar a criação de estereótipos de poder vinculados ao homem, principalmente aos heterossexuais, em detrimento das mulheres e a tudo o que diz respeito ao universo feminino (Borrillo, 2009; Schwartz, & Lindley, 2009).

A partir desse cenário que representa a sociedade contemporânea é possível fazer a vinculação dos constructos utilizados para o programa de treinamento aqui relatado, que são o

preconceito – especificamente o preconceito contra a diversidade sexual - e as habilidades sociais. Com base nas crenças pessoais, nos estereótipos e nos sentimentos negativos nos quais o preconceito é sustentado, é válido fazer a relação desse fenômeno com outro, o das habilidades sociais, que estuda justamente a modificação de crenças, modificação de comportamentos violentos, resolução de conflitos, dentre outros, visando dessa forma aprimorar o desempenho dos indivíduos na sociedade e, principalmente, no âmbito das relações interpessoais.

O uso do treinamento de habilidades sociais tem sido bastante explorado no Brasil e no mundo como ferramenta de ensino de habilidades das relações interpessoais e de vida (Bolsoni-Silva & cols., 2006; Del Prette & Del Prette, 2005; Lopes, 2009; Minto, Pedro, Cunha Neto, Bugliani & Gorayeb, 2006; Epstein, Griffin & Botvin, 2002; Gresham, 2009; World Health Organization, 1997). As habilidades sociais é um conjunto de comportamentos aprendidos ao longo da vida e emitidos diante de situações de relação interpessoal nas quais têm-se o princípio que habilidades sociais adequadas ou boas levam à satisfação pessoal e interpessoal tanto a curto como em longo prazo (Michelson; Sugai; Wood; Kazdin, 1983; Del Prette; Del Prette, 2005).

Nessa direção, observamos que a infância e a adolescência são consideradas etapas da vida cruciais para o aprendizado de habilidades socialmente competentes. Devido a essa peculiaridade, a escola acaba por se caracterizar como ambiente essencial no sentido de proporcionar esse tipo de aprendizado aos seus alunos. Além de espaço de aprendizado, a escola é proporcionadora de saberes, que vão além dos assuntos instituídos nos currículos disciplinares. Nesse sentido, uma das questões frequentes nas discussões da prática escolar tem sido o preconceito em suas diversas formas de manifestação.

Na psicologia social, o preconceito é definido como julgamento prévio de grupos ou indivíduos, que levam a atitudes e comportamentos negativos direcionados a estes. “É uma atitude hostil ou negativa com relação a determinado grupo” (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 1999 p. 162). Dentre as várias formas de preconceito, a homofobia – ou o preconceito contra a diversidade sexual - se caracteriza pelo preconceito contra homossexuais e todos os indivíduos com identidades sexuais ou de gênero que destoam da norma heterossexual (Souza, 2015; Herek, 2000). Cabe ressaltar aqui, que no presente trabalho, escolheu-se fazer uso do termo “preconceito contra a diversidade sexual” por este ser considerado, na atualidade, um conceito mais amplo que engloba as diversas identidades sexuais e de gênero distintas, pois corre-se o risco de, ao usar o termo “homofobia”, remeter-se somente ao

preconceito contra os homossexuais (Costa et al., Souza, 2015; Herek, 2000).

Apesar das várias pesquisas nesses campos de estudo, algumas questões ainda permanecem carentes de exploração. No caso das habilidades sociais, nenhuma pesquisa foi encontrada utilizando esse constructo como forma de enfrentamento ao preconceito. No âmbito da diversidade sexual nas escolas, também foi possível observar uma escassez de estudos que utilizassem intervenções diretamente com os adolescentes, já que a maior parte da produção científica aponta para estudos com pais e professores ou estudos apenas de levantamento de dados.

Dessa forma, acredita-se que um estudo que envolvendo as habilidades sociais como forma de enfrentamento ao preconceito contra a diversidade sexual através de uma intervenção direta com adolescentes pode contribuir como instrumentalização de estratégias para enfrentar esse tipo de preconceito, assim como oportunizar a modificação de crenças que levam ao comportamento preconceituoso, fazendo com que esses jovens se tornem mais competentes socialmente em lidar com pessoas que fogem à regra da heteronormatividade. Além disso, esse estudo pode alcançar uma nova área interventiva das habilidades sociais ainda inexplorada, que poderá contribuir para amenizar as dificuldades das escolas em lidar com questões de orientações sexuais distintas.

À vista disso, o presente relato tem como objetivo descrever a experiência de um Programa de Treinamento de Habilidades voltado para a promoção de habilidades sociais utilizadas como estratégia de combate ao preconceito contra a diversidade sexual.

## **METODOLOGIA**

Foi formado um grupo de adolescentes para o treinamento em habilidades sociais com uma turma de escola pública no município de Aracaju, SE. Participaram do programa de intervenção 22 adolescentes, sendo 13 do sexo masculino e 9 do sexo feminino, com idades entre 14 e 17 anos. A intervenção realizada foi do tipo prevenção universal (Munoz, Mrazek & Haggerty, 1996), ou seja, todos os alunos da classe foram convidados a participar, não somente aqueles que apresentavam problemas relacionados às habilidades sociais ou preconceito.

O grupo contou com o total de 10 sessões semanais, de 50 minutos cada, entre os meses de setembro e novembro do ano de 2015. Os encontros foram conduzidos e previamente planejados por uma psicóloga, a partir de uma abordagem psicoeducativa. Cada

sessão teve um objetivo e uma técnica própria, de acordo com o objetivo geral da intervenção. Para orientação da facilitadora, foi utilizado um diário de campo onde foram anotados acontecimentos relevantes de cada dia e informações sobre o *feedback* dos adolescentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão dos aspectos desse relato de experiência, os resultados e discussão serão apresentados conjuntamente. Para tanto, os procedimentos serão relatados mais detalhadamente sessão a sessão.

No primeiro encontro com o grupo foi solicitado aos jovens que eles se apresentassem e que dissessem quais eram suas expectativas em relação ao grupo. Também foi realizada uma apresentação mais minuciosa - do que aquela feita no momento do convite - do programa de treinamento de habilidades sociais do qual os adolescentes iriam fazer parte. Para uma melhor compreensão por parte dos mesmos, foram apresentados e discutidos os conceitos de habilidades sociais, identidade de gênero, homossexualidade e transsexualidade. Durante a discussão dos conceitos foi possível identificar algumas crenças dos adolescentes como: “um travesti nunca vai ser meu chefe, nunca vai mandar em mim” e “esse negócio de dois homens é esquisito, duas mulheres ainda vai”. Ao final, foi proposto que os jovens pesquisassem sobre celebridades expostas na mídia que fossem homossexuais ou transexuais.

Na segunda sessão, foi solicitado aos jovens que escrevessem em um papel algum tipo de violência que já tivessem sofrido – ou que tivesse sido vivenciado por alguém próximo a eles – sem se identificarem. Os papéis foram colocados em um quadro e foi discutido como eles se sentiam frente àquelas situações. Após essa atividade e a partir dos dados que os adolescentes apresentaram como resultados da tarefa de casa da sessão anterior, foi realizada uma discussão acerca da violência contra homossexuais a partir de notícias veiculadas nas mídias sociais. Para finalizar, foram apresentados os dispositivos institucionais – a exemplo da Delegacia de Vulneráveis, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) – que as pessoas podem procurar em casos de sofrerem algum tipo de violência. Os jovens se mostraram bastante participativos nessa atividade. Foram discutidos casos não somente sobre violência contra homossexuais, mas também sobre a violência contra a mulher, racismo e *bullying*.

Devido à demanda que emergiu na segunda sessão, o tema do terceiro encontro foi justamente o *bullying* na escola. Inicialmente foi realizada uma dinâmica para incentivar o

elogio, com o objetivo de treinar pensar em coisas boas sobre o outro. Os jovens davam as mãos à pessoa que estava à sua frente, evitando assim que eles se juntassem àqueles que tivessem mais amizade, e faziam algum elogio ao colega. Posteriormente foi realizada uma discussão sobre o bullying, o que é, quem são os autores e/ou as vítimas, quais suas consequências e a diferença entre violência e *bullying*. Por fim, os jovens assistiram ao documentário “Meninas de azul, meninos de rosa” que trata do *bullying* sofrido por um adolescente homossexual. Como tarefa foi pedido que os alunos observassem mais atentamente situações parecidas com as relatadas durante a semana na escola.

A quarta sessão teve como objetivo avaliar o programa até esse momento. Então, procurou-se identificar se os adolescentes estavam emitindo comportamentos mais habilidosos a partir das situações observadas por eles ao longo da semana. Foi relatada uma situação, pela maioria do grupo, na qual um dos alunos teve um vídeo seu veiculado na internet e que, por isso, estava sofrendo *bullying* não só na escola, mas também em casa. Foi possível identificar uma atitude mais assertiva daquele grupo com relação à situação e, principalmente no sentido de evitar aquele tipo de constrangimento ao colega. Além disso, foi perguntado se os jovens estavam usando o que estavam aprendendo naquele espaço em alguma outra circunstância. Eles afirmaram que sim, principalmente em casa em situações que normalmente eles agiriam com certa violência, na relação com os pais e com os irmãos. Também afirmaram que agora eles defendiam uns aos outros e que tentavam impedir as situações de *bullying*.

Na quinta sessão o objetivo foi trabalhar a assertividade, comportamentos alternativos e reagir com calma em situações que causem frustração, raiva, humilhação. Para tanto foi utilizada a técnica de dramatização de cenas (*role playing*) e a análise funcional daquela situação. Dessa forma, foi analisada a situação tal como ele ocorre na realidade e como poderia ser, caso fossem utilizados comportamentos alternativos mais funcionais, a partir das dramatizações de ambas as alternativas. Após a encenação foi discutido sobre quais contextos esses comportamentos alternativos e mais assertivos podem ser generalizados e passado o vídeo “Agressivo, passivo ou assertivo” do grupo *Science Blogs Brasil*.

A sexta e a sétima sessão foram reservadas para os adolescentes assistirem ao filme “Hoje eu não quero voltar sozinho”. Trata-se de um longa-metragem brasileiro que retrata a descoberta da sexualidade de um adolescente cego. Em meio a esse processo, o jovem percebe, de forma muito natural, sua orientação homossexual. Os adolescentes se mostraram bastante interessados no filme, principalmente por reproduzir justamente o universo do jovem,

da escola e situações típicas do cotidiano dessa fase da vida.

O oitavo encontro objetivou trabalhar as crenças dos adolescentes. Inicialmente a partir das discussões de situações vistas no filme e também a partir do jogo “mito ou verdade?”. Nessa atividade lúdica foram mostradas algumas frases/imagens sobre homossexualidade, transsexualidade e heterossexualidade, onde os jovens indicavam se achavam que aquilo seria mito ou verdade. Essa atividade rendeu discussões muito importantes sobre crenças como por exemplo “um homossexual pode ser um bom pai?”, onde os adolescentes apresentaram alguma resistência para responder, porém se mostraram mais abertos ao entendimento das situações do que nas primeiras sessões.

Na nona sessão procurou-se trabalhar a empatia e a solução de conflitos. Foi utilizada a técnica da história inacabada que consistia em obter partes de alguma história, nesse caso sobre preconceito contra homossexuais, e contar um final para ela. Nessa atividade a turma foi dividida em três grupos onde cada grupo recebeu uma história diferente e precisou pensar sobre como lidar com aquelas situações para dar um novo final. Os jovens se mostraram bastante participativos e foi possível perceber que eles utilizaram ferramentas que foram ensinadas e treinadas ao longo do programa como a assertividade, a busca por ajuda, a denúncia das situações de violência e a busca por comportamentos alternativos.

A décima e última sessão serviu para realizar o encerramento do programa e receber o *feedback* dos participantes. Foi realizada uma roda de conversa sobre as questões mais importantes que foram abordadas no grupo e como eles poderiam utilizar essas informações na vida deles. Por fim, foi realizado um lanche de confraternização para o encerramento do programa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência do programa de treinamento de habilidades aqui relatado pode servir como modelo de replicação para outros estudos que abordem o combate à homofobia ou qualquer outro tipo de preconceito e discriminação. Além disso, acredita-se que essa estrutura também possa servir de auxílio para professores e educadores como instrumento que visa à promoção de habilidades sociais e melhoria de relações interpessoais de adolescentes considerando também os aspectos éticos e de respeito ao próximo em situações que se apresentem diferente do que é o mais comum na nossa sociedade, nesse caso, a heterossexualidade.

Os adolescentes tiveram uma boa aceitabilidade do programa, principalmente por aquele ser um espaço onde podiam tratar de assuntos considerados tabus. Entretanto, é recomendável que um programa semelhante seja feito também com os professores, para que esses possam fazer uso contínuo do aprendizado dessa experiência no cotidiano da sala de aula.

Com relação à eficácia do programa, pode-se afirmar que no *feedback* da intervenção os jovens mostraram estar mais apropriados dos assuntos tratados nas sessões, que antes eram desconhecidos, e mais abertos a se relacionarem de forma mais respeitosa com pessoas que fogem à norma da heteronormatividade no seu convívio social, evitando assim comportamentos disfuncionais como aqueles discriminatórios que envolvem violência psicológica e verbal contra pessoas que destoam do padrão heterossexual.

## REFERÊNCIAS

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, Z. A.; DEL PRETTE, G.; MONTAGNER, A. R.; BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos. In: BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Orgs.), **Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 1-45. DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.

EPSTEIN, J. A., GRIFFIN, K. W., & BOTVIN, G. J. Positive impact of competence skills and psychological wellness in protecting inner-city adolescents from alcohol use. **Prevention Science**, v. 3, n. 2, p. 95-104. 2002.

GRESHAM, F. S. Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. In: Z. A. P. DEL PRETTE; A. DEL PRETTE (Orgs.), **Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e implicações práticas**. Vozes: Petrópolis, 2009, p. 17-66.

HEREK, G. M. The psychology of sexual prejudice. **Current Directions of Psychological Science**, v. 9, p.19-22, 2000.

LOPES, D. C. **Recursos multimídia na promoção de habilidades sociais com crianças com dificuldades de aprendizagem**. 2009. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2009.

MICHELSON, L.; SUGAI, D.; WOOD, R.; KAZDIN, A. **Social skills assessment and training with children.** New York: Plenum. 1983.

MINTO, E. C.; PEDRO, C. P.; CUNHA NETTO, J. R.; BUGLIANI, M. A. P.; GORAYEB, R. Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 561-568. 2006.

MUNOZ, R. F.; MRAZEK, P. J.; HAGGERTY, R. J. Institute of Medicine report on prevention of mental disorders: summary and commentary. **American Psychologist**, v. 51, n. 11, p. 1116-1122. 1996.

ROGRIGUES, A.; ASSMAR, E., M., L.; JABONSKLI, B. **Psicologia Social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOUZA, E. de J. (2015). **Diversidade Sexual e Homofobia na Escola: representações sociais de educadores/as da educação básica.** 2015. Dissertação de Mestrado (mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Life skills education for children and adolescents in schools.** Geneva: Programme on Mental Health World Health Organization. 1997.